



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

UMA VIAGEM à LUA

Por GATO BRAVO

Desenhos de A. CASTAÑE

HA mais de mil anos havia no Egipto um grande sábio chamado Manipanso. Ele já tinha, nesse tempo, descoberto que se podia andar pelo ar sem perigo de morrer e nós ainda não somos capazes de o fazer.

Um dia estava o referido sábio nos seus laboratórios a pôr umas asas num cão a ver se conseguia que ele voasse como uma águia, quando recebeu a visita de José Periquito, um rapaz que era um vivo diabo. — «Meu amigo, ouvi dizer que você era um homem que tudo sabia e, vai daí, resolvi vir ter consigo para me dizer se eu posso ir ou não à Lua, com botas de lègua e meia». Botas de lègua e meia eram uns carros que tinham umas asas e umas velas como os barcos e se moviam na Terra, na água e no ar, com muita velocidade.

— «Podes sim, meu rapaz e sem te ralares nada.

— «Então como?

— «Leva o carro para o alto da mais altas pirâmide e espera lá três dias; ao fim deles, há-de chegar um rapaz da tua idade, todos ás risquinhas azuis e brancas, que é natural da lua e servirá para teu companheiro.

Ele assim disse, e assim aconteceu. Três dias decorridos e o estranho rapaz a aparecer; gostaram um do outro e combi-

naram ser bons companheiros para a vida e para a morte. Entraram para o «Furacão» (assim tinham baptisado o carro) e logo se levantou um vendaval que os levou por ares fóra, com

Continua na
pagina
8



O VEADO E A LESMA

FABULA ORIGINAL de AUGUSTO de SANTA-RITA

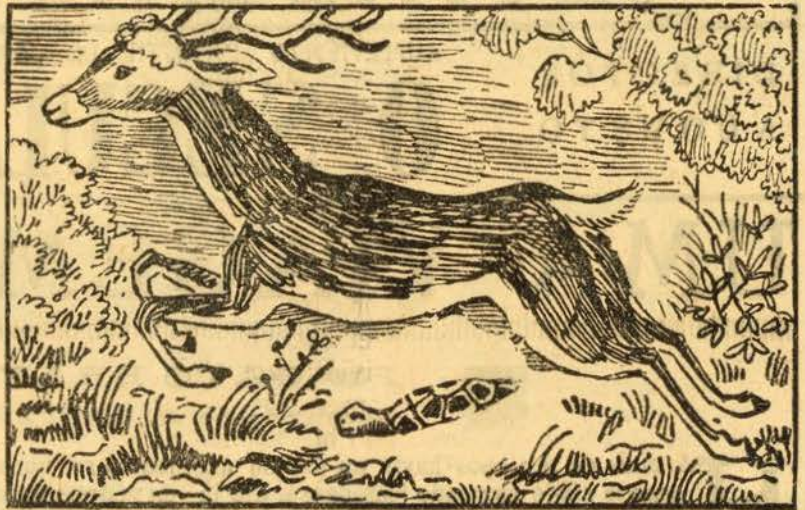
Dona Lesma e Dom Veado, encontrando-se na selva, frente a frente, lado a lado, em colóquio animado, conversavam sôbre a relva.

— «Ora viva, como passa sua graça Dom Veado, senhor de tanta virtude?»
 — «Passo bem, muito obrigado, e a senhora Dona Lesma sempre entregue à sua lida?»
 — «Eu, na mesma, felizmente de saúde, muito e muito agradecida».
 — «Então, que faz por aqui?!»
 (diz-lhe, com satisfação,



o Veado que sorri, ante o seu ar molengão.
 — «Nem sei bem!» — (responde-lhe ela)

Eu admirava a elegância do vosso porte. A Gazela, a-pesar de muito bela, de toda a sua importância, corre tanto como vós!
 — «Oh, são amabilidades!...»
 (diz o Veado, porém,



Dona Lesma prosseguia:)
 — «Ao ver-vos assim veloz confesso, senti a ânsia, de exprimentar eu, também, as grandes velocidades! E pensei: — Que bom seria andar em cima do lombo de voss'alta Senhoria!...»

— «Se quer', com todo o prazer mas não vá dar algum tombo, pois bem pode acontecer!»
 — «Quero, quero!... (torna, então, toda contente, a sorrir,) agachai-vos bem no chão, para que eu possa subir.» Já no dorso do Veado, toda vaidosa, imponente, mas com êste inda parado, eis Dona Lesma contente.

De repente, num pinote, D. Veado põe-se a andar... Corre, voa, num virote, vai nas horas de estalar.

A Dona Lesma, está visto, mal se agüenta no lombo do Veado que nem mede a grande extensão da selva; até que, por fim, sucede o que já fôra previsto: Dona Lesma dá um tombo e fica em postas na relva.

*
 * *
 Desta fábula, a moral pode tirar cada qual neste conceito que reza o que a todos vou dizer:

*Ninguém procure exceder sua própria Natureza!
 Cada um para o que nasce!
 Ninguém busque alheio dorso!
 Pois cada um de nós faz-se, à custa do próprio esforço!*

■ F I M ■

A RAPOSA, O LOBO E O CORDEIRO

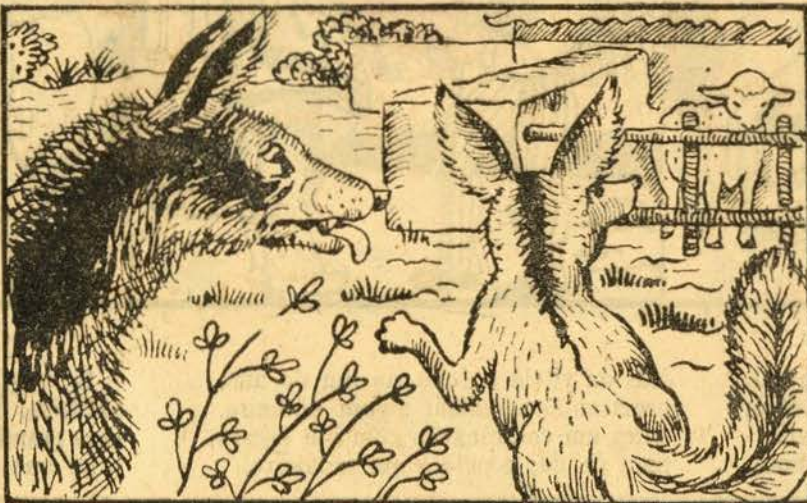
■ Por AUGUSTO DE SANTA-RITA ■

UM certo dia uma raposa velha ao ver um lobo, logo êste aconselha: —«Amigo lobo, além, por sob a telha daquele abrigo, há uma certa ovelha que tem um cordeirinho apetitoso. A sua carne tenra é o melhor gozo para o bom paladar do venturoso que consiga comê-lo. Eu só não ousou aproximar-me... Mestre Dom Cachorro vela por êle e se eu lá chego, morro! Vai, pois, tu lá! Se for preciso, eu corro em teu auxílio, irei em teu socorro. Depois, é bem de ver, dividiremos irmãmente o petisco. Comeremos juntos o bom manjar. Não hesitemos, vai, enquanto eu distraio o cão. Veremos se terei de intervir.»

O lobo, entanto, finório, percebendo tudo e quanto a raposa era astuta, com espanto da velhaca, responde: — «Quando janto, não gosto de convivas, minha amiga; e se a ti, conselheira duma figa, eu te posso meter já na barriga, para que expôr-me a uma arriscada briga?!»

Isto dito, voraz, abrindo a boca, o lobo salta em cima da matreira, crava-lhe o dente, numa fúria louca, e devora a manhosa conselheira.

*
* *



Meus meninos:—se algum dia procederes dêste modo, usando velhacaria, na mira de algum engodo, —(e assim só procederá um menino mau e cábula)— lembrai-vos antes que há muita gente tão finória como o lobo desta fábula.

E pronto. Acabou-se a história.

■ FIM ■

A MENINA GULOTONA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de A. CASTANÉ



A Gininha, menina irrequieta, era de veras gulosa. Lambia as travessas do arôz doce, metia os dedinhos dentro do açucareiro, chupando-os em seguida, a ocultar dos seus papás, e, assim que apanhava aberta a porta da despensa, remexia em todas as latas, boiões e caixas que encontrava, roubando o que mais lhe apetecia. Era a arrelia da mamã que, constantemente, a repreendia. Mas não se emendava. Tão feio costume levava-a, muitas vezes, ao ponto de mentir à Mãe, atribuindo ao gatinho da casa, o «Novelo», como lhe chamavam, as suas tropelias, assuas desobediências, numa acusação de revoltante descaramento e injustiça. Até que, uma certa manhã, apanhando novamente entre-aberta a porta da despensa, pé

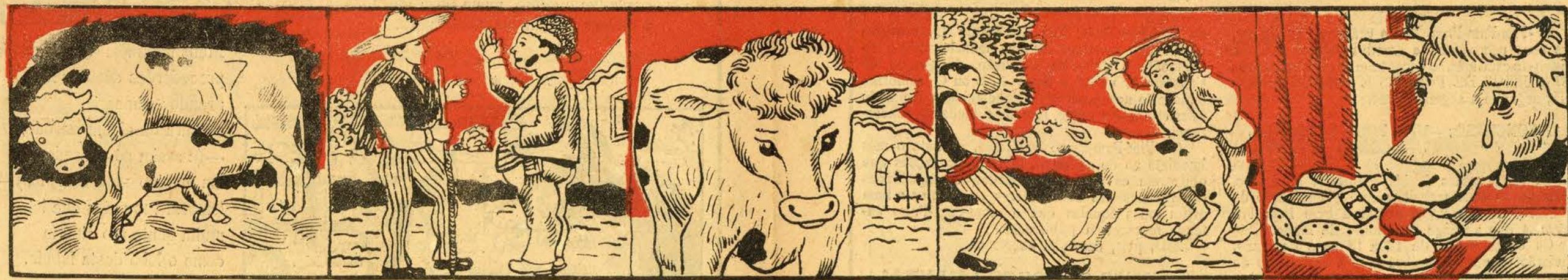
ante pé, conseguiu introduzir-se nela, a-fim de remexer em todas as prateleiras. Já sabia, de cór e salteado, onde estavam o boião da compota de alperche, a «cuvette» da marmelada, a caixa da farinha Nestlé, as latas do açúcar branco, do chocolate e cacau, etc. Naquele dia, porém, teve uma surpresa: — Uma linda caixinha, já aberta, com um pó amarelo e um lindo desenho no rótolo, representando quatro ratinhos a paparem e dois, ao fundo, de pernas para o ar. Se os ratinhos que tanto gostavam do toucinho e do queijo, de que ela tanto gostava também, assim se pelavam por êle, era, certamente, porque o pó daquela caixinha era doce, pelo menos, de tentar o mais exigente paladar. E decidiu prová-lo. Meteu, primeiramente, a pontinha do seu dedo mínimo e logo levou à bôca uma insignificante porçozinha do tal pó. Como lhe soubesse bem, meteu o dedo indicador, previamente lambuzado, e, por fim, a mão toda, chupando-a, em seguida, com sofreguidão.

Ouvindo, entretanto, passos apressados no corredor contíguo, desceu da cadeirinha, em que se empoleirara, a-fim de se esconder atrás dum caixote, a um canto da despensa. Porém, não teve tempo. Surpreendida, na fuga, pela Mãezinha, que com aflitiva expressão correu para ela, fôra apanhada quâsi em flagrante delicto. Olhando, rapidamente, ora para caixa do pó ora para Gina, a aflita Mãe, numa imensa ansiedade, pôs-se, então, a interrogar a menina desobediente: — «Provaste o pó desta caixa?! Depressa, dize, confessa!...»
— «Não, Mãezinha!» voltou, receosa e mentirosamente, a Gininha.
— «Vê lá, não mintas! E' um veneno terrível!» Empalidecendo, ao ouvir tal declaração, Gina desatou a chorar e a gritar num berreiro: — «Provei, provei, Mãezinha! Eu menti! Ai que vou morrer! Salva-me, salva-me!...»
No auge da aflição, a Mãe de Gina, pegando-lhe ao colo, interrogou-a novamente: — «E foi muito, foi

muita quantidade?...»
— «Não, Mãezinha; mas ai que já estou sentindo grandes dôres no estômagô!...»
Com efeito, Gina já se torcia ao colo da Mãe, como se fôra atacada por uma súbita cólica.
Levando-a para o quarto e deitando-a em sua caminha, a Mãe, como louca, correu ao telefone, mandando vir da farmácia um vomitório e chamando o médico assistente.
Decorrida uma hora, depois de haver vomitado, o médico exclamava, satisfeito: — «Está salva!»
A Mãe fez, então, ver à Gina o perigo que ela corra, desobedecendo-lhe e a pequenina gulosa jurou-lhe que nunca mais tornaria, pois o que lhe havia acontecido servira-lhe de lição.



AMOR MATERNO — Por A. DE SANTA-RITA



EM certa herdade havia uma vaquinha que tinha uma vitela encantadora; e tanto a mãe amava a vitelinha, que a seguia, lambendo-a, a toda a hora.

Mas da vitela o dono, ao fim do ano, precisando amealhar algum dinheiro, entra em combinação com um cigano, para vender a pele a um sapateiro.

A tal negócio, lá do seu curral, assistira, de longe, a vitelinha, com grande mágoa, ao ver que era fatal o ter que separar-se da Mãezinha.

Levada à força, a infeliz vitela partiu com o cigano maldado... passa algum tempo; a Mãe, em busca dela, vê um par de sapatos a seu lado.

Farejando-os, então, ao ver que a pele da vitelinha neles se encontrava, com que materno amor—(tão forte é ele!)— a vaquinha, chorando, inda os beijava!

NO PRINCIPIO DA VIDA...

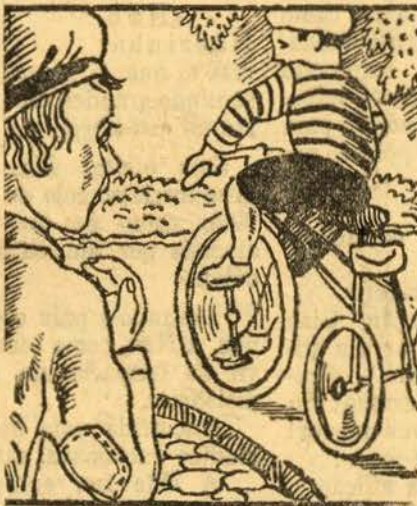
Por JOSÉ GOURGEL
Desenhos de A. CASTANÉ

POR uma tarde, macia e calma, de pleno inverno, Chiquinho tirando de frio, com o fato a pingar da chuva que caíra, passava, vagueava, de mãos nos bolsos como para aquecê-las daquela frialdade. Os sapatos trazia-os num lamentável estado: — róticos e sujos de lama.

A sua alma ainda pequenina, embrionária, ia-se formando lentamente. Revelava-se triste, talvez ainda mais triste que a própria tarde chuvosa, imprimindo a tudo a sua melancolia...

Em seus olhos, claros e lindos, transparecia uma mágoa qualquer. Caminhava, entretanto, pela avenida quase deserta, olhando as vitrines enfeitadas das lojas... Já ao fim do corredor de casas paralelas, deteve-se um momento. A chuva, que pouco a pouco diminuíra, cessava finalmente, e uma réstea de Sol surgiu, iluminando a sombra das nuvens que se estendia no Céu, como alamedas sombrias ele-

vando-se no espaço. Havia, uma calma absoluta.



O pequeno Chico parou, então e pôs-se a contemplar em tudo um extase profundo. Num jardim, perto, um outro pequeno, mas este bem vestido, andava ligeiro em sua bicicleta. Todos nós temos, às vezes, destas meditações que nos veem do íntimo da alma e que sómente nós avaliamos.

Quantas vezes ficamos perplexos em face duma obra prima, criada pela mão do homem ou em face da própria Natureza. Era o que se dava com o pobre Chiquinho. Contemplava, admirando o prazer do outro pequeno tão feliz, enquanto ele se deixava ficar ali, tiritando de frio com as mãos nos bolsos da sua calça de brim ordinário. Depois, ao chegar a casa, Deus sabe o que lhe estaria reservado!... Era o seu princípio de vida!...

■ F I M ■

CONCURSOS MENSAIS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

■ A T E N Ç Ã O ■

O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de participar, aos seus pequeninos e grandes leitores, que, até ao fim de cada mês, se encontram abertos sucessivos CONCURSOS DE POESIAS E CONTOS INFANTIS, segundo a seguinte ordem:

1.º CONCURSO: — UMA POESIA INFANTIL
2.º " " UM CONTO INFANTIL

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos, enviarão os seus trabalhos com a designação do Concurso 1.º ou 2.º e em letra bem legível a Série A que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de 14 a 18 anos de idade, enviarão os seus trabalhos com a designação do Concurso 1.º ou 2.º e em letra bem legível a Série B que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos — (qualquer que ela seja) — enviarão os seus trabalhos com a indicação do Concurso 1.º ou 2.º e em letra bem legível a Série C, sôb que ficam designados.

Cada produção deverá ser enviada à redacção

do Pim-Pam-Pum, Rua do Século 43, acompanhada dum envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação do Concurso 1.º ou 2.º e Série A, B ou C, conforme o disposto nas condições estabelecidas e contendo interiormente o nome, morada e idade do concorrente.

O «Pim-Pam-Pum» publicará, durante o mês imediato ao do concurso, todas as produções que obtiverem os primeiros prémios, acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas aquelas que o «Pim-Pam-Pum» entenda merecerem publicação.

Está, pois, desde já aberto o

PRIMEIRO CONCURSO MENSAL DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

cujo praso, para entrega de originais, termina no próximo dia 30 de Abril. No dia 6 de Maio será dado o resultado do concurso e no dia 13 publicadas as produções que tiverem obtido os seis primeiros prémios das Séries A, B, e C.

CORRESPONDENCIA

Francisco Ferreira Giraldes: — Recebemos os teus desenhos que, para a tua idade, estão muito bem feitos. Serão publicados brevemente.

Toutinegra: — Recebemos o teu novo continho. Sairá a seu tempo. Afectuosas lembranças.

Badajoz: — Temos muita pena de te dizer que deves escolher outro officio. E's já demasiado taludo para tão pequenas provas. Desculpa a sinceridade.

Laurita: — Experimenta a prosa. Talvez sejas mais feliz.

Sarapico: — Podes mandar os problemas e anedotas originaes como dizes. Se fôrem publicáveis, sê-lo-hão.

X. P. T. O.: — O teu alvitre terá effectivação brevemente.

Antonio A. Pedro: — Recebemos o teu conto que não podemos publicar, em virtude do tema já haver sido tratado no «P. P. P.» mais duma vez. Manda outro de assunto menos gasto e, possivelmente será publicado.

Marianela: — O assunto da tua pequenina história é demasiado triste para os nossos leitores que são, por sua natureza, alegres, graças a Deus.

J. F. S.: — Recebemos o novo conto Mal o lemos ainda; todavia pareces deveras interessante. Sairá brevemente.

Girasol: — Recebemos a tua poesia destinada ao nosso novo Concurso. Esqueceu-te, porém, a indicação da idade e a série a que, portanto, ela pertence. Manda, pois dizer quantos anos tens.

Eulália Nova: — Não podemos publicar o teu desenho por ter sido feito a lápis. Manda outro a tinta da China.

Alvaro Lourenço Pereira: — Idem.

Manoel A. Carasso Junior: — O teu conto vai ser devidamente apreciado pelo nosso director. Se estiver nas condições, será publicado.

Francisco Furtado Marques: — Os desenhos coloridos não podem ser publicados. Manda outros só a preto.

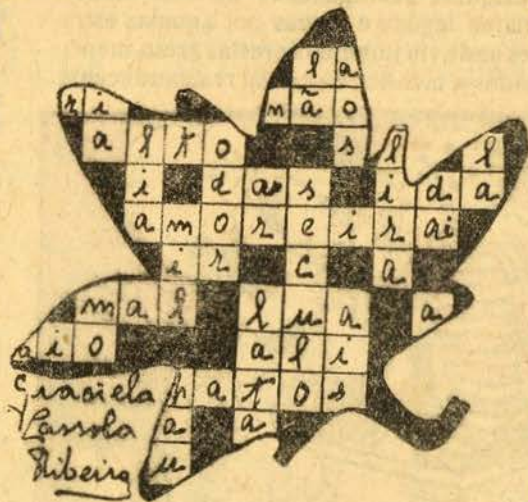
Fernanda P. L.: — Recebemos as poesias e contos que sairão a seu tempo.

Um grande abraço para todos, do
Tio-Paulo.

PARA OS MENINOS COLORIREM

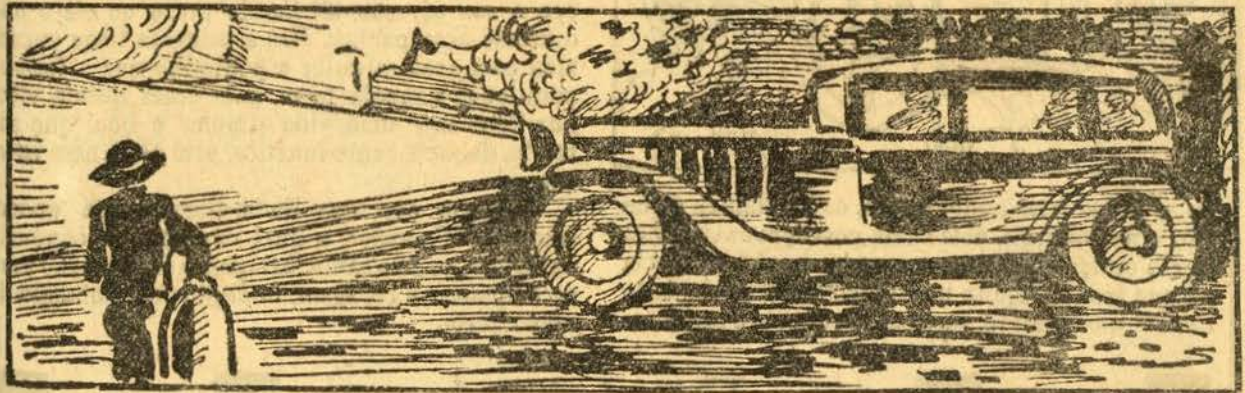


PALA
VRAS
CRU
ZA
DAS



SOLU
ÇÃO
DO
PRO
BLE
MA
ANTE
RIOR

ADIVINHA



Meus menidos: — Vejam se descobrem a fisionomia do proprietário d'êste automóvel

Uma Viagem à Lua

Continuado da página 1

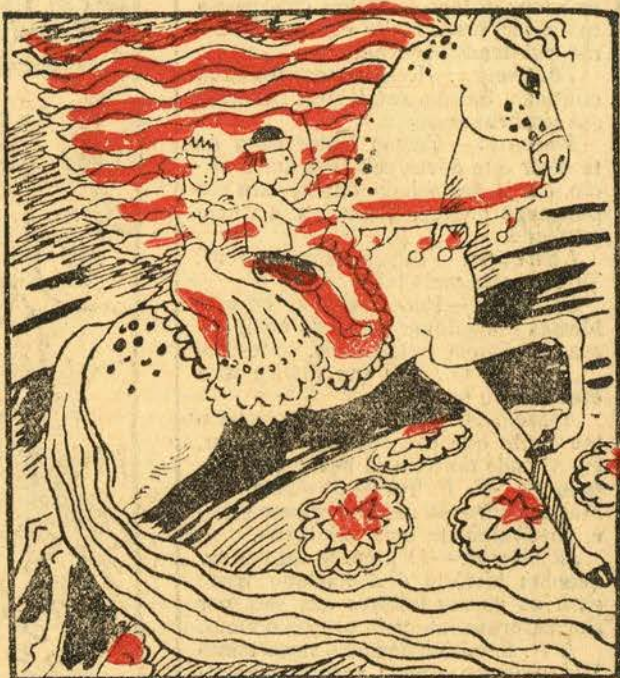
uma velocidade de 3.000 k.^m á hora. Dez minutos depois duma maravilhosa viagem através do céu azul, chegavam á Lua e paravam á entrada duma gruta de cristal reluzente, onde habitavam uns guardas encarregados de receber os viajantes e de elucidá-los sobre os costumes do país. Era proibido andar de carro; por isso os nossos amigos foram obrigados a comprar dois cavalos que pouco se pareciam com os que nós cá usamos. Eram tão delgados e esguios que quasi pareciam transparentes e cobertos de lindo pelo prateado com uma enorme cauda também prateada, sempre arrastando. Pagaram os cavalos com dois «Pipis» que é a moeda corrente na Lua. É redonda como a libra mas tem todas as cores do arco-íris e é espetada numa varinha de cristal, lembrando um cogumelo. Á ordem dos guardas, os nossos viajantes tiveram de se despir, pois na Lua todos assim andam por causa dos inúmeros atentados e para assim não poderem esconder armas. São porém tão maus os seus habitantes que muitos as trazem escondidas entre as unhas dos pés.

José Periquito, acompanhado do seu amável cicerone viajou léguas e léguas por aquelas estranhas regiões onde viu imensas florestas azuis, montanhas prateadas e cidades de cristal resplandecente.



Se as terras eram assim lindas, os habitantes é que não eram amáveis, pois numa povoação os viajantes foram obrigados a parar porque havia, aí, a denúncia de que José Periquito trazia escondida, na cauda do cavalo, uma grande espada. Enquanto o examina-

vam para ver se a denúncia era verdadeira, ouviu falar num estranho caso que se passava no mais alto cume da montanha próxima. Diziam que o



Diabo tinha ali presa a princesa, filha do rei daquelas terras, no meio das maiores torturas, e que ninguém se atrevia a ir libertá-la por estar guardada por 70 cães furiosos. O nosso herói, que era corajoso e bom, resolveu logo acudir-lhe; separou-se do companheiro que tentava dissuadi-lo com conselhos prudentes, deu um salto para a sua esguia montada e partiu a galope para a montanha. Galopou dias e noites sem parar, até que, numa noite em que ele cantava um fado português, ouvido a uns embarcações e que ele não esquecera pelo facto de o haver encantado a sua doçura, o assaltou a matilha dos cães endemoninhados; esperou-os a pé firme e, agarrando o primeiro pelo rabo, andou com ele á roda até que o matou, o mesmo fazendo aos outros todos que se lhe iam chegando. Ao fim de três dias, três horas, três minutos e três segundos, conseguiu chegar ao pé da princesa, a qual estava pendurada pelos cabelos, sobre um poço de prata em fusão.

José Periquito ficou maravilhado com a beleza da princezinha e sentiu que para sempre o seu coração ali ficaria preso se ela o não quizesse acompanhar. Mas a princesa ficou encantada com o seu salvador e pediu-lhe que a levasse para longe daquela terra, pois antes queria viver humildemente uma vida simples e boa, que ser rainha daquela gente lunática, sem alma nem coração.

Fugiram por uma linda floresta, até encontrarem o «Furacão», o qual depressa os conduziu ao Egipto, onde o sábio Manipanso os protegeu para recompensar a coragem, inteligência e bondade do nosso herói.

F I M